

# O trabalho das lavadeiras na Cidade de Goiás

## Field notes on the work of washerwomen in the city of Goiás

## El trabajo de las lavanderas em la Ciudad de Goiás

Gleidson de Oliveira Moreira

Universidade Federal de Goiás - UFG e Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás - SEDUC

gleidsonhist@gmail.com

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada na Cidade de Goiás, Estado de Goiás, Brasil. Pautado inicialmente no relato de duas lavadeiras (mãe e filha), a proposta é analisar o trabalho de lavagem como processo de subalternização de gênero. Metodologicamente procurei cruzar os dados da entrevista com dados da polícia civil e imagens (fotografias, desenhos) com o objetivo de discutir quem eram essas mulheres e como foram tratadas em ambientes públicos (rios e córregos) e privados (casa dos patrões), abordagem que busco realizar à luz de autores como: Gayatri Spivak, José Jorge de Carvalho e Georges Vigarello.

**Palavras-chave:** Cidade de Goiás. Lavadeiras. Subalternidade.

**Abstract:** This article is the result of an ethnographic research carried out in the City of Goiás, State of Goiás, Brazil. Based initially on the report of two washerwomen (mother and daughter), the proposal is to analyze the washing work as a process of gender subordination. Methodologically, I tried to cross the interview data with data from the civil police and images (photographs, drawings) in order to discuss who these women were and how they were treated in public (rivers and streams) and private environments (house of the bosses),

an approach that I seek to carry out. in the light of authors such as: Gayatri Spivak, José Jorge de Carvalho and Georges Vigarello.

**Key words:** City of Goiás. Washers. Subalternity.

**Resumen:** Este artículo es el resultado de una investigación etnográfica realizada en la Ciudad de Goiás, Estado de Goiás, Brasil. Guiada inicialmente por el relato de dos lavanderas (madre e hija), la propuesta es analizar el trabajo de lavado como un proceso de subordinación de género. Metodológicamente, traté de cruzar datos de la entrevista con datos e imágenes de policías civiles (fotografías, dibujos) con el objetivo de discutir quiénes eran estas mujeres y cómo eran tratadas en público (ríos y arroyos) y privado (casas de jefes) un acercamiento que busco realizar a la luz de autores como: Gayatri Spivak, José Jorge de Carvalho y Georges Vigarello.

**Key words:** Ciudad de Goiás. Lavanderas. Subalternidad.

*Recebido em fevereiro de 2022.*

*Aceito em agosto de 2022.*

“Em 1964, eu (Maria Benedita de Oliveira Moreira) e sua avó (Benedita Vicente de Oliveira) nos mudamos para a Cidade de Goiás. A viuvez dela foi o motivo para buscarmos apoio na casa de uma tia, auxílio que recebemos temporariamente ao compartilhar do mesmo espaço, um barraco de dois cômodos desprovidos de água, luz e banheiro. Costurando para fora, minha tia (Maria Farias), vivia sob a expensa de um neto. Pois não existiam os benefícios de aposentaria e ou pensões. O que levou à rápida procura de trabalho por sua avó. Segundo a qual, ‘só se conseguia trabalho na Cidade de Goiás quando a gente era indicado por alguém conhecido do empregador’”. O que aconteceu com ela, ao ser indicada como lavadeira da freguesia<sup>1</sup> da tia. Ao ser recebida por algumas famílias, sua avó respondeu muitas perguntas. As entrevistas eram feitas pelo interesse particular de cada grupo, o que influenciava na forma como procediam os questionamentos. A família, que chamo de ‘A’, em respeito à minha mãe, além de questionar sobre a vida pessoal dela (se casada, se tinha filhos, quantos e onde morava), também, a examinaram fisicamente; “eles fizeram questão de que o médico da família, filho do ‘patrão’, a tocasse da cabeça aos pés, querendo saber se ela tinha doença na pele (lepra, sarna, erisipela e pano branco). Pegando e rodando, segundo ela, os braços, mandando botar a língua pra fora e arregalando os olhos”. Ao passo que na família ‘B’, as perguntas eram: ‘De onde ela veio? Por que veio para Goiás e como enviuvou?’. Perguntas dessa natureza foram recorrentes em outras casas, para as quais a sua avó lavou ininterruptamente mais de 10 anos”. (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira – 11/09/2019).

1- Designação dada pelas lavadeiras aos contratantes de seus serviços.

Extraído de minha tese de doutorado, o trecho acima apresenta um recente relato em torno dos efeitos contemporâneos causados pelo empreendimento colonial na memória das lavadeiras da Cidade de Goiás<sup>2</sup>. Exotizadas, subalternizadas e invisibilizadas socialmente (CARVALHO, 2001; SPIVAK, 2010), essas mulheres vivem, ainda hoje, dores e sofrimentos perpetrados pelas relações de trabalho similares àquelas vividas nos tempos da escravidão, o que produz silenciamentos.

A fim de examinar os mecanismos que operam o silenciamento das lavadeiras, propus investigar o trabalho das lavadeiras por entender que é por meio da reparação no trato com o humano que a antropologia nos auxilia a entender as nuances das estruturas de dominação. Esse esforço revela como os conflitos são constituídos, como as tensões formam arenas de disputas, um sistema polissêmico no qual expressam jogos de forças e de negociações (CARVALHO, 2001).

Trago, para reflexão, a hipótese de que, mesmo não constituindo um grupo hegemônico, as lavadeiras criaram uma estrutura de dependência das pessoas que precisaram manter o *status* social pela aparência. Roupas alvas, engomadas e perfumadas marcam distinções sociais e agenciam sentidos aos materiais têxteis manuseados por elas.

Para entender como a noção de decolonialidade (SPIVAK, 2010) abre perspectivas de análise nesse caso, faz-se necessário saber sobre as lavadeiras da Cidade de Goiás. E como lidavam com os conflitos e tensões inerentes a uma cidade forjada no seio de uma sociedade colonial do século XVIII e que ainda vive os reflexos desse processo.

2 - Em 1739 o Arraial de Sant'Anna foi elevado à condição de Vila Boa, em homenagem a Bartholomeu Bueno da Silva Filho (o conde de Sarzedas), que aportuguesou Bueno, colocando-o no feminino para concordar com vila (Bittar, 1997).

## O meu caderno de campo

Contidas em meu caderno de campo, as informações que obtive sobre as lavadeiras consegui nos registros policiais da última década dos anos de 1880<sup>3</sup>. Documentos que mencionam as estratégias de sobrevivência de mulheres, companheiras na arte de driblar as dificuldades pelo improviso; cúmplices nos ataques à propriedade alheia, como Thomásia: “[...] acusada de furtar um cobertor de Dona Mariquita”<sup>4</sup>, ou “Maria Angélica e Rosa que foram interrogadas por brigarem pelo mesmo aguadouro e batedouro. No conflito, utilizaram toalhas molhadas (Rio Vermelho)”<sup>5</sup>. Estas mulheres estabeleceram relações sociais de amizade e de conflito a céu aberto, no sobreviver diário e resistente, dependentes de si e das condições que o ofício de lavagem lhes permitia.

Ao cruzar a leitura dos documentos de primeira mão com aqueles obtidos nas entrevistas, observei que os conflitos podem ser classificados entre os de ordem privada e de natureza pública. As contrariedades com os ‘patrões’ pela demora ou o não pagamento da lavagem geravam desgastes, cobranças e xingamentos. Por outro lado, corria-se o risco de os segredos do ambiente privado (traições, dívidas, homicídios e viagens) serem revelados; era um risco que ‘patrões’ corriam, assim como também as lavadeiras.

“Mulheres como Catirina, fazia algazarra circulando pelos aguadouros ao promover desavenças. Se apropriava do alheio: batedouros, sabão, anil, assim como gerava intrigas ao fofocar sobre quem tinha sujado a água no poço. Catirina sabia da vida de todo mundo, tanto é que uma pessoa ao ter uma

3 - A escolha desse recorte temporal ocorreu para trazer a discussão, como a polícia contribuiu para a reificação do papel social desempenhado pelas lavadeiras na Cidade de Goiás.

4 - Arquivo Histórico do Estado de Goiás (AHEG, Caixa 334, Documentos Avulsos - Polícia - 1884).

5 - Idem.

linha embaraçada, repetia várias vezes: desembaraça língua de Catarina” (Relato de campo – Benedita Vicente de Oliveira – 20/02/2019).

Como se pode ver, as lavadeiras constituíam a vida ativa da cidade. Pela liberdade de circulação garantiam um circuito de informações, bate paos e contratos verbais no qual estava imersa a cidade. Beiravam a indigência, muitas eram tratadas pela polícia com restrições, como também pela classe econômica e social, que não as via como produtivas. No entanto, continuavam sendo imprescindíveis.

Por gozarem de uma suposta prerrogativa de liberdade de locomoção, segundo registros policiais, muitas se embriagavam, chegando a infringir o “termo de bem viver”<sup>6</sup>. Fato ocorrido com “Maria do Rosário, mulher de estatura regular, cor morena, nariz chato, mãos grandes, orelhas pequenas, de 50 anos, viúva, sem instrução e moradora da paróquia do Rosário”<sup>7</sup>.

Independente dos rótulos sociais a elas imputados, as lavadeiras da Cidade de Goiás eram mulheres corajosas e impermeáveis às campanhas moralizadoras da polícia e aos crivos estabelecidos pelas famílias tradicionais. Embora carregassem a pobreza como signo de identificação, não perderam o zelo com a própria limpeza, índice de higiene mantido pelo banho, como se pode ver no relato de minha mãe, Maria Benedita:

“O hábito era tomar banho só aos finais de semana. Em uma das casas onde eu buscava a trouxa de roupa, tinha uma cisterna onde se podia pegar a água com copo, ficava no primeiro quintal. Nem assim eles tomavam o banho frequente como a gente nos rios. A desculpa das duas idosas, eram as feridas nas pernas.

6 - Arquivo Histórico do Estado de Goiás (AHEG, Caixa 334, Documentos Avulsos – Polícia – 1884).

7 - Idem.

Tinham trombose, segundo elas não podiam molhar. Tinham as pernas enfaixadas com fitas de trapos velhos. Aquela trapaiada, era lavada pelas bobas (criadas da casa), e depois de limpas, eram novamente enroladas. Então elas tomavam banho uma vez na semana para trocar os trapos. Quando saíam à rua para pegar um leite, ou um 'trem' qualquer, aquilo tava preto. Quer dizer que aquela secreção saiu, secou, saiu de novo e tornou a secar. Toda casa tinha um corredor, com uma porta, chamada porta do meio. Era onde a gente batia pras pessoas atenderem. O que eles faziam pra tirar o pó do assoalho? Passavam uma vassoura molhada. Aquele assoalho produzia uma poeira fina, porque andavam arrastando os chinelos. Nem os mais novos andavam pisando, virava mania eles andarem assim: tirep, tirep...Você escutava o couro cru no assoalho, o que levantava o pó. As roupas, aqui ô (altura da cintura) nas mulheres, formava uma mancha, porque tudo que lavava, elas enxugavam as mãos na bunda. Aquilo virava um ensaboado, mancha grossa, preta, cascaruda. Por isso a gente percebia que eles não tomavam banho. Os homens ficavam até 20 dias sem banhar. Os lençóis deles não eram brancos, era um branco encardido e cheio de pintinhas, pois geralmente toda casa tinha percevejo. Os bichos picavam eles de noite e passava para os lençóis aquelas pintinhas, manchinhas de sangue. Na hora que eu abria as malas, as pulgas ficavam pulando, entendeu? Então o que acontecia? Se imaginava que a higiene da casa era precária". (Relato de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira – 03/02/2019).

Outro conjunto de informações que obtive com minha mãe deriva da proximidade que ela tinha com a privacidade da vida familiar dos 'patrões'. Segredos, projetos e intrigas compartilhados

nos tempos de adolescência forneceram a ela, nos momentos de entrega e acertos das trouxas, detalhes específicos da adoção ou não das práticas de higiene e seus efeitos. Polarizadas por relações de convivência entre os que se banhavam ou não, essa atitude criou uma relação assimétrica de poder. Mesmo sendo médicos, militares, comerciantes, farmacêuticos e fazendeiros, os 'patrões', que mantinham a prática da limpeza com suas roupas, acabavam ficando na dependência do trabalho das lavadeiras.

“Na casa do doutor fulano, você chegava e encontrava tudo impecável. Lá não era de assoalho, era um piso diferente. Uns desenhos muito bonitos, coisa que só tinha na casa dos doutores. Entendeu? Então a metade da casa era daquilo, lá para o fundo, onde ficava o porão era assoalho. Agora, a mãe do doutor fulano, a esposa e as tias andavam todas limpinhas, mas não quer dizer que elas tomassem banho. Elas andavam limpinhas por que não se ocupavam com nada, entendeu? Elas tinham mais de uma criada. Eu tenho a foto de uma que era a minha colega, ela era branquinha, lourinha. E tinha além das criadas, a chamada criada de rua, era a que fazia as compras. Geralmente era bonitinha, ladina (sabida). Então, o que acontece é que era tudo limpinho, mas por que não 'trabalhavam'. Mas odor de suor e de urina, era sentido logo que se abria a segunda porta. Eram gordas, ficavam sentadas no sofá o dia todo, bordando ou fazendo crochê; as mãos pareciam seda de tão finas. Acredito, que era por não trabalhar. Agora, elas gostavam de um perfume. Se penteavam, faziam tranças, travessinhas nos cabelos, um pentão com dentão comprido que usavam para se pentear. Suas camisas (usadas por baixo do vestido), tinham chimango (manguinhas) de renda, toda branca, de lamê, tipo uma seda. Ai, o que acontece, aquelas camisas já estavam amarelas do



sujo do corpo. Onde elas sentavam ficava a roda de mijo. As vezes tossiam, e, por terem a bexiga baixa, acabavam urinando na roupa. As roupas de passeio eram guardadas, dentro de um armário. Se fossem à missa ou a um passeio, as roupas eram colocadas no meio das limpas, sem lavar. Meu filho, nós lavamos roupas muitos anos, só ia para ser lavadas roupas da casa. Quando mandavam lavar as de sair, iam enroladas numa toalha e eram recomendadas – ‘fala pra sua mãe que essa aqui não é para quicar e nem pôr no sol. É pra secar na sombra, do lado avesso, pra não desbotar. Entendeu, menina?’ – Minha mãe lavava aquela separada. A mesma coisa as de renda, vestido de seda, saia e blusa, conjunto de linho, iam separadas por exigência do dono(a). Às vezes botavam um sabão diferente, que não era de bola, para usar nas roupas finas. No caso das roupas de casa, lavava-se com sabão de bola. Entre as roupas masculinas, os paletós eram raros na lavação. Os jalecos do doutor fulano, era bege de sujeira, principalmente nos bolsos. O corpo do jaleco estava branco, mas os bolsos, um horror. No caso das peças íntimas, o fundo da samba-canção era dolorida, manchas de toda natureza, eram difíceis de serem removidas (chegando a ser fervidas)”. (Relato de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira – 03/02/2019).

No contexto da falta de banho dentro de casa, era possível ver, ainda segundo minha mãe, pessoas se dirigirem à parte mais alta da Carioca<sup>8</sup>, e, escondidos entre as pedreiras, discretamente tomarem o seu banho. Isso ocorreu com Miguel de tal e sua esposa.

“Sem sabão e bucha, quem toma banho? Era assim que disfarçavam o banho, ela passou discretamente levando na

<sup>8</sup> - Chafariz localizado às margens do Rio Vermelho.

mão as coisas para os dois. Foi assim: Ela ia primeiro que ele, lá em cima ela arrancava as roupas e ia tomar banho. Ele chegava depois. Como o lugar era uma pedreira, água muito fria, então eles iam descendo a bunda devagarinho, sabe! Na hora que ela baixava dentro d'água, os cabelos eram tão grandes que ficavam nadando. As lavadeiras morriam de rir. E nós, a meninada, achávamos o máximo. O casal ficava para cima das lavadeiras, onde tinha corredeiras. Ali, ela ia pegando a água e jogando devagarinho nas costas e fazendo assim (tremia). As lavadeiras torciam pra sanguessugas grudarem neles. Havia muitas naquele lugar, mas era tanta sorte, que não eram atacados. Por isso, ele ficava na corredeira e ela ia para o poço onde ficava de cócoras. Ficavam lá a manhã inteirinha, levantando e abaixando a bunda". (Relato de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira – 03/02/2019).

10

"Já na casa de dona fulana, quem banhava na bica d'água era só a meninada, os velhos só ia pra refrescar, jogar água no corpo com caneco. A gente não via uma bucha ou bola de sabão pra tirar a sujeira, nada" (Relato de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira – 03/02/2019).

Se as lavadeiras falam da resistência das famílias tradicionais ao banho, a imagem a seguir (Figura 1) produz uma imaginação poética das águas. Não é o sentido funcional do ambiente e das águas contidos na imagem que está em jogo, mas a imaginação através dos elementos da natureza, como fontes poéticas. Para Bachelard (1994) é preciso compreender a utilidade psicológica das águas: a água serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco da inocência e naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima. Uma vez, que para os devaneios, todos os líquidos são água e, no sentido psicanalítico, toda água é

leite, agindo de forma ambígua. As águas do fundo do quintal da Chácara Moisés eu as guardo em minh'alma.

Figura 1 - Banheira localizada no fundo da Chácara Moisés, Cidade de Goiás



Fonte: Lázaro Ribeiro (2019).

11

Ser lavadeira implicava, portanto, atenção no ouvir e prudência no falar. Foi assim que minha avó e sua ajudante, minha mãe, foram se ambientando na Cidade de Goiás. Descobrimo, com o auxílio da lavação, comportamentos reservados às sociabilidades e sensibilidades das famílias vilaboenses; na maior parte das vezes depreciativas, como a forma de tratamento que 'fregueses'/'patrões'<sup>9</sup> destinavam à minha avó Benedita: 'Sá Bindita' ou 'Sá Dita'<sup>10</sup>.

## Rios e córregos da Cidade de Goiás

Quanto aos locais para lavação, rios e córregos, estabeleciam uma relação paradoxal entre identidade e moral. São esses

<sup>9</sup> - A cadeia de relações estabelecidas com patrões e fregueses ocorria por garantir meios de sobrevivência. Embora não fossem empregadas, as lavadeiras consideravam patrões(as) aqueles(as) com os(as) quais tinham relações personalizadas, enquanto com o freguês o trabalho era realizado ocasionalmente.

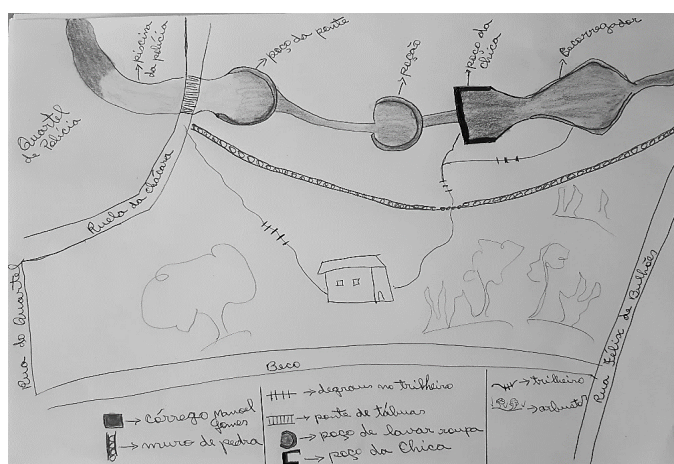
<sup>10</sup> - Até a segunda metade do século XIX persistiu, nas casas abastadas de Goiás, o sistema de criadagem, uma herança do Brasil colonial estruturada nas figuras de mulheres que serviram como mucamas e amas-de-leite. Sistema que, no século XX, foi justaposto a outras denominações: Yayás, Nhanhás, Dinhas e Sás. (Relato de campo - Benedita Vicente de Oliveira - 11/09/2019).

ambientes que legitimam a identidade da lavadeira, dão sentido a seu labor. Sem o córrego, tanto o ofício quanto a agente não existiriam. Em se tratando da moral, o córrego foi dividido em fronteiras, físicas e simbólicas, para o exercício do trabalho e do lazer (espaços para o trabalho e banho).

A divisão do córrego em diversas áreas pelas lavadeiras servia para personificar poços, aguadouros e quaradouros. Existiam locais de lavagem próprios e impróprios, segundo minha avó. Os considerados impróprios, locais distanciados, eram usados para o banho masculino e pelas lavadeiras denominadas 'coisinhas' (tipificação dada às mães solteiras e às prostitutas) (Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira – 22/03/2019).

Essa apropriação dos rios e córregos pode ser observada no croqui disposto na Figura 2. Nota-se que, acima da ponte está o poço da chácara Moisés; o segundo, o poço, correspondia ao lugar para lavagem de minha avó; o terceiro era o poço da Chica Lopes; e, finalmente o escorregador, dividido, na época da seca, entre a minha avó e uma outra lavadeira, a 'Bindita do Zé Prego'.

Figura 2 - Croqui de Itinerário - Córrego Mané Gomes, Cidade de Goiás-GO



Fonte: Elaboração própria a partir da memória de Benedita Vicente de Oliveira e de Maria Benedita de Oliveira Moreira (2021).

Em todos os poços a ideia de propriedade e identidade agrega definições de quem os usam; chamo a atenção para o fato de que, se os lugares constroem identidades, as pessoas também reverberam na identidade dos lugares. Esse é o caso do Poço do Bispo, uma espécie de balneário masculino e, por isso, pouco frequentado por lavadeiras, pois, “O lugar pode ficar bem ou mal falado dependendo de quem os frequente” (Nota de campo – Benedita Vivente de Oliveira – 21/02/2019).

Conforme se vê na Figura 2, o Córrego Mané Gomes abre correspondência para a análise da antropologia do lugar, como pausa no movimento (TUAN, 1983), quando grupos que dele fazem parte, disputam-nos e se sobrepõem; e, também, quando esses mesmos grupos representam esse lugar como vivido (CASEY, 1996).

É na realidade material, como lugar vivido, que o ambiente natural de luz e calor se torna lugar habitado pela lavagem. Nesse particular, o molhar, o ensaboar, o esfregar, o quorar, o enxaguar, o bater, o torcer, o secar e o entregar correspondem um comportamento operatório (cadeia de ações).

Reconstruir os caminhos, os obstáculos (rochas no caminho, degraus, elevações, trieiros, depressões), o desvio de vegetações cortantes (malícia), dependia do arranjo óptico (GIBSON, 1986) de minha avó. Compreender o fluxo de informações ecológicas e/ou organismos situados naquele contexto ecológico específico oferece potencial significativo para eventos de outros contextos. O que ajuda a pensar como objetos são coisificados (LIMA FILHO, 2015).

Retomando a dinâmica da percepção ecológica de Gibson (1986) e do lugar representado de Casey (1996), o uso da pedra com função de batedouro incorpora, na coisa, o que está morto no ‘objeto’<sup>11</sup>, o sentimento de dor. O batedouro era uma pedra grande

11 - Essa é uma análise feita de forma indireta, mas que, segundo a minha pesquisa, apoiada em Ingold (2015), não pode ser retirada dos objetos a condição de historicidade. O objeto não é só uma materialidade, este se relaciona com outras questões,

escolhida pelas lavadeiras para realizar essa operação, sobre ela eram estendidas roupas leves e tecidos pesados, garantindo o equilíbrio e a sinergia entre a lavadeira e o trabalho.

Batedouros de pedra são 'troncos' às avessas, lugares de açoite e castigo manuseados por descendentes de escravizados. Lavadeiras que os usam para 'escalavrar' as roupas, a sujeira de grupos hegemônicos. O uso dos batedouros 'libertam/liberam' odores de corpos, metaforicamente castigados nas roupas, e transformam obstáculos em suportes de ação.

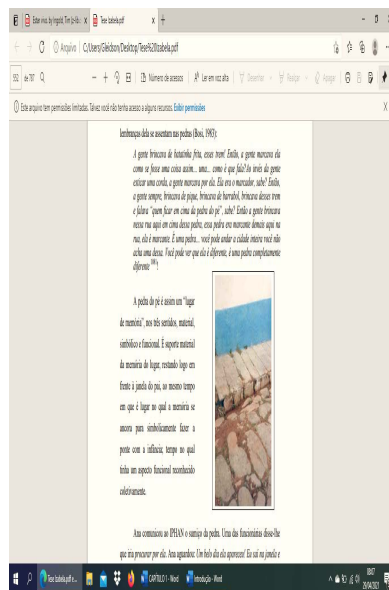
Para as pessoas da Cidade de Goiás as pedras presentes no calçamento das ruas mais antigas, nas praças, em corredores de casarios, em alamedas nos quintais, nos becos e em alguns muros são mais que 'objetos', englobam, segundo Tamaso (2007b), lugares de memórias (NORA, 1993). Um caso análogo aos batedouros de pedra é a pedra do pé, que, como o nome indica, tem o formato de um pé. "Mede cerca de 1m (um metro) de comprimento por uns 0,50cm (meio metro), de largura na parte em que o pé é mais largo" (TAMASO, 2007a: 533).

Durante o processo de implantação das obras de fiação subterrânea na Cidade de Goiás, em 2002, a pedra do pé (Figura 3)<sup>12</sup>, referência de memória coletiva, foi retirada e acabou desaparecendo, o que gerou revolta nos moradores. Tamaso (2007a), ao entrevistá-los a respeito do 'sumiço', percebeu a força afetiva de um povo substanciada na rocha. Qualquer dano à centenária pedra, por menor que fosse, representaria um crime contra a memória daquele povo.

outras dimensões. Pela bola de sabão aciono outras categorias, situação que ocorre pelos ciclos de higiene do corpo operada pelas lavadeiras na Cidade de Goiás. A noção de ciclos de higiene, conforme observado em campo, é uma categoria antropológica a qual estendo debates aprofundados à frente.

12 - Localizada na Rua da Abadia, Centro, próximo à Fundação Cultural Frei Simão Dorvi.

FIGURA 3 - Pedra do pé



Fonte: Tamaso (2007a).

A imagem registrada por Tamaso (2007a), a 'pedra do pé', aproximada aos depoimentos de moradores, corrobora o processo de transformação do 'objeto' em coisa. A rocha, enquanto elemento natural inserida no cenário urbano, torna-se lugar de memória (espaço de afeto, ludicidade e de histórias). Já o batedouro, o principal suporte para o bater, o esfregar e o ensaboar das roupas, também foi lugar de memória, mas pelo sofrimento, pela dor e revolta.

Como substância, a pedra do batedouro é mero 'objeto', lugar rígido e de consistência sólida; resistente à deformação e impenetrável por outros corpos sólidos (permanentes no formato). Do ponto de vista do uso, da interação, a relação mútua entre o organismo e a substância transformam o 'objeto em coisa'. A pedra que serve para lavar também serve para lembrar o passado. Torna-se ponto de ligação, de aproximação e engajamento. No seu entorno lavadeiras se juntam para conversar, desabafar enquanto compartilhavam seus segredos. Minha mãe lembra do batedouro como o 'altar' de minha avó:

“[...] antes de pôr os pés n’água, se colocava diante o batedouro, se benzia dizendo: Senhor São Bento d’água benta, Jesus Cristo no altar, arreda bicho peçonhento, que a fia de Deus quer passar... Para as Santas Almas Benditas, também pedia proteção: Santas Almas Benditas, minhas roupas vão vigiar, no batedouro ou nos ramos a secar. Vigia, não deixa nada de mau acontecer, terminava rezando a Ave Maria e cantava o bendito (isso quando tinha muitas lavadeiras juntas e algumas tinham o hábito de afanar peças das colegas, ou quando precisavam sair por instantes, também com medo das enchentes repentinas e ventanias). Depois de abençoada pelas águas, entoava versos cantados: A roupa do meu amor não lavo com sabão, lavo com jasmim e água do coração”. (Nota de campo – Maria Benedita de Oliveira Moreira – 18/03/2018).

## 16

Assim como a ‘pedra do pé’, o batedouro também se torna lugar de memória. Manifesta-se enraizado no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993). As reminiscências de Maria Benedita mostram como o ‘surradouro’ é transformado em companheiro da lavadeira. É lugar para cantar e chorar, gritar e balbuciar, xingar e orar, torna-se lugar de resiliência, de luta e esperança.

No surradouro, quem assume o papel de ‘carrasco’ é a lavadeira. Em razão das circunstâncias do vivido, ela se lança sobre as imperfeições da roupa vilaboense (manchas, nódoas, sujeiras) e passa a surrar ‘corpos’. O batente é usado para afrouxar as tramas dos tecidos; é ‘coisa’ usada para castigar e flexibilizar suas estruturas. O seu uso permite que resíduos e marcas, oriundos de organismos, constituídos por meio da lida, do desasseio e/ou de alguma patologia, sejam expulsos da ‘derme’ vilaboense.

Imerso na subjetividade de quem o usava, o batedouro é



lugar de dor, de relação com o sagrado e canal de diálogo com o mundo. É por ele que o gesto humano cria e opera, em uma ecologia específica, a coisa situada em si pelo significado. Enquanto ícone, ou mesmo como expressão e desejo, a rocha estabelece comunicação de determinadas experiências culturais a partir de resíduos de sua imagem. Lembrar é evocar (Bergson, 1999).

Trabalho é a memória carregada de situações vividas outrora, permeada de emoções, que luta contra o esquecimento (BERGSON, 1999). Assim, as lembranças do batedouro estabelecem o vínculo entre a memória individual e o lugar de pertença da agente (LIMA FILHO E SILVEIRA, 2005). O 'objeto', portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com/no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida. De acordo com Bosi (1994), as lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade presentes em afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar.

Nesse sentido, o batedouro está “[...] prenehe de simbolismos, quando articulado a uma fenomenologia do objeto imerso no vivido” (LIMA FILHO E SILVEIRA, 2005: 38). No relato de minha mãe, Maria Benedita, é possível perceber sentimentos derramados na pedra quando são desprendidos das roupas. É dessa tragicidade do vivido que o batedouro, aparentemente, desprovido de valor material, toma uma dimensão profunda na vida humana. A disputa pelos melhores batedouros colocava as lavadeiras em contendas, brigas desdobradas em guerras com toalhas molhadas e provocações verbais recitadas em versos cantados.

“A folha da bananeira de comprida vai ao chão,  
Quem tiver língua comprida, faça dela cinturão (uma diz).

A folha de bananeira de tão velha despencou  
O olho de certa gente de tão feio entortou (outra rebate).

Ocê que tem olho grande, vê se não olha pra mim.  
Seu olho de cega morcego pé de mata capim (uma diz).

Eu não olho pra ocê, vê se não olha pra mim,  
Pé de ranca toco, olho de queima capim (outra rebate).

Em cima daquele morro tem um pé de mangabeira,  
O nome que te puseram foi fiote de lavadeira.

Em cima daquele morro, tem um buraco de tatu,  
O nome que te puseram, sabuco de limpar c\*”.

(Nota de campo - Maria Benedita de Oliveira Moreira -  
18/03/2018).

Neste ínterim, ocorrem a formulação de mensagens marcadas por depreciações e desgastes pessoais. Tais conflitos se dão por meio das cantigas e estas se configuram em múltiplas ações de embates, brigas surgidas de provocações.

Aproximando grupos que sequer mantinham laços de amizade, as cantigas marcavam e expandiam domínios, exprimiam sentimentos e despertavam emoções (LE BRETON, 2019). A afetividade de cada lavadeira envolvia sensibilidades pessoais, repertórios culturais, emoções, saberes e gestos presentes em cada grupo geracional.

O corpo se torna parte integrante da simbologia social. A lavadeira, dotada de saber difuso, assume, também, o papel de curandeira, médica, psicóloga e intérprete das emoções. O seu

trabalho tem poder de ressignificar a vida. O ato de higienizar roupas a torna agente assepiadora de corpos e almas, curando males visíveis e invisíveis. Buscando Douglas (2012), a sujeira é estrutura que ofende a ordem. O ato de lavar compreende um esforço positivo que estabelece organização do ambiente. Logo, as roupas são manifestações culturais que tipificam, classificam e ordenam o social.

## A vestimenta da lavadeira como índice identitário

Em minha pesquisa, realizada no Museu Zoroastro Artiaga<sup>13</sup>, Departamento de Imagem e Som (MIS), em Goiânia (GO), tive acesso a um acervo, composto por 20 fotos referentes às lavadeiras de córregos e rios da Cidade de Goiás. As imagens têm natureza monocromática e revelam rotinas, superfícies e ecologias sociais.

Como forma de pensar quem eram as lavadeiras, busquei, em suas roupas, pistas identitárias. Primeiro pelo que vestiam, depois como lidavam com as roupas da freguesia, tarefa que me conduziu aos tratados da historiadora e pesquisadora de artefatos têxteis Rita Morais de Andrade.

Dedicada ao estudo da indumentária como viés para entender a história social e cultural do Brasil, a pesquisadora transitou por diversas áreas das artes e das ciências humanas (ANDRADE, 2008, 2021). Discute o caráter material e documental das roupas para pensar temas como o patrimônio, a decolonialidade, o racismo, a cultura material e as visualidades.

Para Andrade (2008) os trajes revelam morfologias, matéria-prima, circulação e costumes relacionados às vestimentas. As roupas também agenciam sentidos enfatizados em suas características plásticas, como cores, tecidos, motivos ou estampas, materiais da moda em comum. Suas narrativas vinculadas à produção, gosto e

13 - Fundado em estilo art déco, no interior da Praça Cívica, em Goiânia, o Muza foi o primeiro Museu do Estado de Goiás e preserva um acervo diverso inteiramente relacionado à Região Centro-Oeste, reflete aspectos da diversidade da cultura material e imaterial do Estado de Goiás

estilo baseados na elite abriram um hiato que me inquietou e me levou a pensar sobre os trajes utilizados pelas camadas populares da Cidade de Goiás, em especial, os das lavadeiras.

Objetos do cotidiano, os têxteis oferecem, como aborda Andrade (2008), uma riqueza para a análise das condições em que são produzidos, como circulam e quem os usam, trabalho que resultou em sua tese: “Boué Soeurs RG 7091”. Trata-se da biografia cultural de um vestido, uma indumentária da alta costura, confeccionado em Paris pela Maison Boeurs, em meados da década de 1920, e doado ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo, em 1993.

Como objeto cultural, a trajetória desse vestido, revelado pelas marcas de sujeira, pelo uso de diversos corpos e pelo tempo, revela as sensibilidades que interferem sobre as roupas. O que provocou, em minha pesquisa, mesmo sem acessar diretamente a materialidade das roupas das lavadeiras, alcançar, por meio de fotos e narrativas, como as roupas agenciam sentidos para pessoas em condições de vulnerabilidade. Implicando, assim, em um processo de invisibilidade social.

Outra pesquisadora que analisa o envolvimento dos agentes sociais do mundo social doméstico pela indumentária é Caetana Maria Damasceno (2013). Para a historiadora, os sentidos da expressão “boa aparência” é metáfora da cor. Nas primeiras décadas do século XX, houve um lento deslizamento no uso das categorias ‘cor’ ou ‘raça’ complementado pela substituição dos termos criada e ama-seca por empregada doméstica e babá. O uso da expressão ‘boa aparência’ é uma forma de revisitar os tipos de aparências dos agentes sociais envolvidos no mundo do trabalho doméstico, revelando modos possíveis de enfrentamento, o que ela chama de os lugares de ‘pacto de silêncio’ (DAMASCENO, 2013).

Essas são preocupações que me guiaram a pensar a vida

social das roupas como código de presentificação do outro. Afinal, se a elite encomendava suas vestes, escolhia tecidos e estabelecia modelos, que compreensão posso obter no significado das roupas de quem estava fora desse circuito? É o maltrapilho que afasta olhares e reforça as distâncias sociais?

Em tom confessional, essas questões abrem espaço para reflexão sobre o que a roupa revela em sua superfície. Nesse sentido, as roupas trazem a presença física e retomam um corpo impregnado de pequenas marcas, dobras, manchas e puídos. Resquícios e/ou rastros de uma trajetória terrena, matéria viva. Entender a construção social do outro pelas roupas é entrar em sua privacidade. Desafio acadêmico quando se trata das camadas pauperizadas da sociedade. Investigação que procurei fazer por meio de relatos e das imagens.

A seguir, na Figura 4, observa-se o registro fotográfico de Alóis Feichtemberger<sup>14</sup>. Uma narrativa visual para análise do contexto prático da experiência da trabalhadora do rio Vermelho.

**FIGURA 4 - Lavadeira do Rio Vermelho, Cidade de Goiás, 1937 (AFn 1083.8.1)**



*Fonte: Museu da Imagem e Som/GO (2021).*

Na fotografia observo mais que uma rotina de trabalho. Vejo, a partir do arranjo óptico (GIBSON, 1986), a lavadeira em

<sup>14</sup> - Fotógrafo alemão que chegou ao Brasil em 1925 e que em 1936 foi contratado pelo Departamento de Propaganda e Expansão do Estado, órgão sob a direção de Joaquim Câmara Filho, político, fundador do maior jornal em circulação no Estado, até hoje, para registrar as obras de implantação da nova capital e a chegada do desenvolvimento para todo o Estado (Talarico, 2013).

um conjunto de coisas distribuídas no ambiente (o batedouro, a água, a escova, as roupas e a bacia). Dentro da bacia, suspensa em uma pedra, roupas provavelmente esperam para ser estendidas, ensaboadas e/ou esfregadas. Sobre o batedouro outras peças passam pelo exame metuculoso das mãos da mulher. Cuja ação clínica opera o 'tecido' aberto sobre a pedra.

É desse corpo exposto que a barrela de sabão escorre pela rocha, caindo dentro d'água. O líquido saporífero metaforicamente se transfigura em sangue, desce serpenteando entre as pernas da lavadeira até tomar a corredeira do rio. Dessa forma a substância quebrada (detida no sabão de bola) é sorvida lentamente, seguindo o fluxo das águas do Rio Vermelho.

Com parte das pernas submersas n'água, a lavadeira executa, com calma, movimentos que exigem atenção visual e tátil. No 'tecido', aberto pela mão esquerda, a trabalhadora identifica, de maneira concentrada, a sujeira. A mão direita empunha uma escova, a qual expulsa, com precisão, as máculas que afetam o 'tecido'.

A partir de seu vestuário é possível identificar traços e/ou sinais que remetem à gênese de sua ancestralidade. Noto o uso de camisa de chimango ou anágua por baixo da saia. A imagem retrata uma vestimenta leve, provavelmente feita de algodão. A indumentária já surrada, apresenta contundentes desgastes, puídas pelo tempo e uso.

Ainda na imagem, posso ver que as mangas estão gastas, expondo parte do ombro esquerdo. Sobre a camisa, a saia está presa ao cós (mealheiro) para evitar que se molhe. É possível ver a camisa ou anágua que vai até a canela. A mesma está com a barra molhada, devido ao movimento de abaixar e levantar na execução da tarefa. É possível visualizar um provável avental.

A cabeça coberta por lenço fica protegida da insolação. O pito de palha na boca é mantido aceso como uma forma de repelir mosquitos

(porvinhas<sup>15</sup> e pernilongos). Em uma observação detalhada, ainda vejo a ausência de botões, rendas ou qualquer outro ornamento, a não ser os babados do próprio, ou, de outro tecido.

Como forma de mediar a compreensão e/ou leitura das representações identitárias das lavadeiras, lanço mão de ilustrações (croquis) feitas para este trabalho pelo artista plástico Rafael Martins (Figuras 5 e 6). Demiurgas de fotografias quase ilegíveis, estas foram originalmente obtidas nos arquivos do Museu das Bandeiras (MUBAN).

A partir das características observadas no traje da lavadeira na Figura 5, o conjunto de informações nela contida, a vestimenta se mostra mais pesada em relação às roupas da Figura 6, em razão do seu contexto histórico (CABRAL, 2019). Vigarello (1996) atesta que a roupa é também uma estrutura, um arranjo entre os tecidos de cima e os de baixo, uma arquitetura entre os materiais. Nesse sentido, as vestimentas das lavadeiras podem ser organizadas pelo uso de longos vestidos e, na composição de peças, divididas em parte de cima e de baixo (Figura 6). Ora, é precisamente nesse jogo entre níveis diferentes de se vestir que se produz uma limpeza corporal: a troca da roupa de baixo, as peças íntimas.

**FIGURA 5 - Lavadeira Rio Vermelho - Croqui 1**



Fonte: Rafael Martins (2021).

15 - Nota de campo – Benedita Vicente de Oliveira – 21/02/2019.

FIGURA 6 - Lavadeira Rio Vermelho - Croqui 2



Fonte: Rafael Martins (2021).

Diferentemente das peças de cima, as calçolas só eram vistas quando lavadas. Com elas as roupas se escalonavam em superfícies e materiais: do mais leve ao mais pesado, do mais visível ao mais íntimo. Como peça manejável, muitas lavadeiras costuravam as suas próprias.

“Eu me lembro que as caçolas, lenços, meias e sutiãs não eram contados como peças de roupas para a libra, lavava-se de graça. Era de encabular a quantidade de botões naquelas peças íntimas que a gente lavava. Feitas de algodão cru, e contendo de 10 a 16 botões (serviam como cinta para diminuir a barriga) do lado direito, eram muito alvas e com o fundo bem reforçado com várias camadas de tecido (algodão cru) o que evitava o vazamento da menstruação. No caso das lavadeiras mais antigas, era raro o uso de caçolas, por causa de vestidos e saias longas. Mas, com o costume de roupas mais curtas, as lavadeiras se viram na obrigação de fazer uso da caçola”. (Nota de campo - Benedita Vicente de Oliveira, 2019).

O relato apresenta dois níveis do vestuário, assim como o de viver. Um que salta aos olhos, mostrando o mundo da superfície, a



roupa, as aparências de cima; e o que está encoberto, escondido, submerso abaixo do que os olhos não podem alcançar, com exceção das próprias donas. As mesmas donas que ainda hoje permanecem silenciadas.

## Considerações finais

Trabalhei, neste artigo, elementos da cosmovisão das lavadeiras a partir de relatos de campo. Silenciadas por uma subalternização construída no contexto do empreendimento colonial, o trabalho das lavadeiras chama a atenção para a ideia de como lavar roupas é mais que um ato físico e mecânico.

Inicialmente o plano foi abordar, nas relações de trabalho das lavadeiras, o indício de persistência de uma escravidão velada. Pautado por notas de meu caderno de campo, organizei, utilizando dados da polícia civil, entrevistas e imagens, a estrutura que deu forma a este trabalho. Haja vista ter sido realizado durante o período da pandemia de Covid-19.

Questões como a casa dos 'patrões', os córregos e rios, ambientes privados e públicos, as memórias dos batedouros e as roupas convergem para a formação de arenas de conflitos, revelando resistências na demarcação de territórios físicos e simbólicos das lavadeiras. A lavagem foi estratégia de negociação no campo das tensões. Ao dependerem dos serviços das trabalhadoras dos rios, 'fregueses' e 'patrões' se tornaram seus agentes de visibilidade. As subalternizações construídas por olhares hegemônicos (CARVALHO, 2001; SPIVAK, 2010) enunciam lugares de inconsistência simbólica, lugar de contradiscurso onde o dominante é forçado a reestruturar o espaço de poder, lugar de representação, lugar de negociação entre signo e significado.

O que está em jogo é a luta pelo controle da narrativa histórica

de uma sociedade tradicional sobre os lugares impostos às vozes subalternas. Ouvir as lavadeiras, autoras legítimas desse processo, é uma forma de interpelar o silêncio a que foram submetidas.

## Referências

ANDRADE, Rita Morais de. Abrindo os trabalhos. In: ANDRADE, Rita Morais de; CABRAL, Alliny Maia; DI CALAÇA, Indyanelle Marçal Garcia (org.). **Dossiê:** o vestuário como assunto: perspectivas de pesquisa a partir de artefatos e imagens. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. (Coleção Desenredos, 13). p. 15-31.

ANDRADE, Rita Morais de. *Boué Soeurs* RG 7091: a biografia cultural de um vestido. 2008. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13076>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.

BITTAR, Maria José Goulart. *As três faces de Eva na Cidade de Goiás*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio da relação do com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CABRAL, Alliny Maia Siqueira de Carvalho. *Indumentária e visualidade: modos de vestir de mulheres kalunga sob uma perspectiva histórica (séculos XIX e XX)*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9497>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CASEY, Edward S. How to get from space to place in a fairly short stretch of time: Phenomenological prolegomena. In: FELD, Steven; BASSO, Keith H (ed.). *Senses of place*. Santa Fé, New México: School of American Research Press, 1996. p. 13-52.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001. DOI 10.1590/S0104-71832001000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/kNnShbTR3wLSWgCspyx8JBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2021.

DAMASCENO, Caetana Maria. 'Cor' e 'boa aparência' no mundo do trabalho doméstico: problemas de pesquisa da curta à longa duração. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Conhecimento histórico e diálogo social (RN- Natal), 2013. [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682879\\_ARQUIVO\\_2013\\_TEXTOanpuh\\_CaetanaDamasceno.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682879_ARQUIVO_2013_TEXTOanpuh_CaetanaDamasceno.pdf). Acesso em: 06 nov. 2022.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GIBSON, James Jerome. *The ecological approach to visual perception*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1986.

INGOLD, Timothy. *Estar vivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre "a alma nas coisas" e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 37-50, jan./jun. 2005. DOI 10.1590/S0104-71832005000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/dwjPbYHRXFYBFSpVgSmRwrx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TALARICO, Guilherme. O fotógrafo Alóis Feichtemberger na construção de Goiânia (1936): imagens alegóricas da modernidade. In: COLÓQUIO SOBRE WALTER BENJAMIN E AS IMAGENS DA HISTÓRIA, 2013, Goiânia. Anais [...]. Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/11559433/O\\_fot%C3%B3grafo\\_Alois\\_Feichtenberger\\_na\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Goi%C3%A2nia\\_1936\\_imagens\\_aleg%C3%B3ricas\\_da\\_modernidade](https://www.academia.edu/11559433/O_fot%C3%B3grafo_Alois_Feichtenberger_na_constru%C3%A7%C3%A3o_de_Goi%C3%A2nia_1936_imagens_aleg%C3%B3ricas_da_modernidade). Acesso em: 20 mar. 2022.

TAMASO, Izabela Maria. *Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na Cidade de Goiás*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007a. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1995>. Acesso em: 20 mar. 2022.

TAMASO, Izabela Maria. Relíquias e patrimônios que o Rio Vermelho levou. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; BELTRÃO, Jane Felipe; ECKERT, Comelia (org.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007b. p. 199-220.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 1983.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.